

OS CLUBES NEGROS E SEU PAPEL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE E MOVIMENTO NEGRO: A HISTÓRIA DO GRÊMIO RECREATIVO E FAMILIAR FLOR DE MAIO EM SÃO CARLOS – SP

THE BLACK PEOPLE'S CLUBS AND THEIR ROLE IN THE BLACK MOVEMENT AND IDENTITY FORMATION PROCESS: THE HISTORY OF GRÊMIO RECREATIVO E FAMILIAR FLOR DE MAIO IN SÃO CARLOS - SP

Márcio Mucedula Aguiar ()*

RESUMO

Este texto tem como objetivo traçar os aspectos históricos da formação do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio e seu papel na constituição da identidade e organizações negras do município de São Carlos, interior paulista. Esse clube inicialmente nasce da necessidade da população negra de um espaço de lazer e encontros. Seu desenvolvimento leva à formação de uma identidade negra positiva, a qual foi a base da constituição das futuras organizações negras de São Carlos.

PALAVRAS-CHAVES: Clube. Identidade. Movimento. Negros.

ABSTRACT

This paper aims to study the Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio's historical aspects as well as its role in the black people's identity constitution process and organization held in São Carlos, in the interior of São Paulo. Such entity originated from the need for a leisure center where black people could enjoy themselves. Since its foundation, a black people positive sense of identity has been developed which was the basis for the contemporary black people organizations in São Carlos.

KEYWORDS: Club. Identity. Movement. Black people.

O racismo e a discriminação sempre estiveram presentes na sociedade brasileira e marcaram profundamente a história da população negra. Muitas vezes essa população foi acusada de passividade e complacência diante dessa situação. A história dos clubes negros e seus desdobramentos para o desenvolvimento do movimento negro é essencial para a compreensão dos mecanismos e estratégias criadas pelos afro-descendentes para a superação desse problema. Este artigo tem como objetivo discutir a história do Grêmio

(*) Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos; professor adjunto da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados; área de pesquisa: Teoria Política. E-mail: marciomuceag@uol.com.br

Recreativo e Familiar Flor de Maio e seu papel no movimento negro na cidade de São Carlos, no interior paulista.¹

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio foi fundado em 04 de maio de 1928. Essa associação originou-se de um grupo de trabalhadores da Companhia Paulista (Fepasa). Como observa Costa Júnior:

É interessante notar que estas entidades se formam e constroem sede dentro de um regime de cooperação. Em todas as cidades do interior paulista onde existe ferrovia, estas sociedades apareceram, sendo um traço marcante o engajamento de ferroviários na organização destas. (1992, p. 25).

Segundo o depoimento de duas sócias² fundadoras, no início o clube era quase exclusivamente formado por pessoas que trabalhavam na Companhia Paulista: “[...] esses fundadores, todos eram empregados da paulista, pediram material, material fino, bom, para conseguir, veio tudo quanto era material [...]].

Esses funcionários da Companhia Paulista eram considerados, na cidade, uma elite negra³. Veja no depoimento de uma das sócias: “[...] não existe aquela hipocrisia que existia antigamente, o negro de gravata, terno, era posudo era o tal, hoje não tem mais isso, hoje está bem mais liberal, porque na época quem era empregado da Paulista, da Ferrovia, Virgem Maria! aqueles lá então... meu Deus do céu, eram tudo na cidade, separado, era separado, já isso naquela época, hoje não tem mais, você veja como já mudou, hoje é tudo igual,...naquela época o pessoal da Paulista não se misturava, na época tinha aqui a engenharria, então os negros que trabalhavam aqui eram diferentes dos outros, como tinha essa parte, então os funcionários da ferrovia não se misturavam com outros, o crédito na cidade tinha para eles, para outros não tinha, falava que trabalhava na Paulista, estava tudo fácil e outras pessoas já não tinha.... na época o melhor emprego que tinha era na paulista [...]].”

Ainda, segundo depoimentos de dona Leontina e de dona Anésia, além do material doado pela Companhia, a prefeitura doou uma antiga casa para

¹ Este texto baseia-se em um dos capítulos de minha dissertação de mestrado intitulada: “As Organizações Negras em São Carlos: política e identidade cultural”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos em 1998.

² Depoimento concedido por dona Leontina Lopes e dona Anésia Cunha, colhido em março de 1997 por mim e Silvana Donatoni.

³ Elite negra por ser um grupo composto de pessoas que conseguiam garantir aos seus familiares patamares mínimos de sobrevivência e também de lazer.

Márcio Mucedula Aguiar

ser desmanchada e, com isso, poder aproveitar os tijolos: “[...] foi uma casa velha que o Luizão deu e eles desmancharam para aproveitar, aproveitou todos os tijolos, naquele tempo, naquele tempo a Paulista ajudou muito, foi no nome desses empregados [...]”.

A idéia de se criar um clube nasceu da necessidade dessas pessoas de terem um lugar para se encontrarem e principalmente uma sociedade onde pudessem se divertir.

Foi exatamente a 4 de maio de 1928 que foi fundado o Grêmio Recreativo Familiar Beneficente Flor de Maio. Homens e mulheres do povo queriam se organizar, ter o seu local de lazer, centro social que os reunisse, território somente deles. Ali fariam as suas festas, comemorariam suas alegrias, mas também, compartilhariam em comum agruras e tristezas. ⁴

Segundo dona Leontina Lopes, a sociedade foi criada: “[...] para ter um lugar para as pessoas se divertirem, sociedade própria e cada um na sua [...]”. Dona Anésia também afirmou que o clube propiciava “[...] alegria, divertimento, a gente estava lá, estava entre os parentes, eu ainda com toda minha idade, eu gosto de ir lá prá “reencontrar [...]” ⁵”. Segundo Clóvis Moura (1998, p. 149), o clube Flor de Maio nasceu como outros do gênero, ou seja, como uma resposta à impossibilidade da comunidade negra de ingressar em clubes ou outras organizações da sociedade. Note-se que em seu depoimento dona Leontina ressalta a necessidade de uma sociedade própria – “cada um na sua”.

No início do século XX, observa-se um certo padrão de organização dos grupos dos movimentos negros em clubes, irmandades e associações (NASCIMENTO, 2000, p. 204). Tais entidades refletem a demanda por integração social que caracteriza a reação dos negros a novas condições da sociedade pós-abolição. Nascimento (2000, p. 204-205) observa que além dessa demanda existe uma preocupação muito forte com a integração no mercado de trabalho, bem como a necessidade de melhores condições de educação. Havia grande preocupação com a equiparação aos padrões de vida da população branca.

Essa perspectiva aparece principalmente na Frente Negra Brasileira,

⁴ *A Folha*, São Carlos: 2 de março de 1973, p. 6.

⁵ Depoimento concedido por dona Leontina Lopes e dona Anésia Cunha, colhido em março de 1997 por mim e Silvana Donatoni.

bem como num dos principais jornais da imprensa negra, como o Clarim da Alvorada. (FERNANDES, 1978, p. 11-13).

Apesar de o depoimento de dona Leontina ressaltar a necessidade de cada grupo ter sua entidade própria – “cada um na sua” – não existe a preocupação da criação de uma cultura específica. A integração continua sendo a principal aspiração desses grupos.

Tal perspectiva integracionista demonstra que o racismo e a discriminação são percebidos como um problema fundamentalmente econômico. Nessa perspectiva, acreditava-se que, à medida que o negro se integrasse no mercado de trabalho, a discriminação e o racismo seriam combatidos. Tal perspectiva, que atribui ao fenômeno econômico um papel fundamental na construção das desigualdades, será criticada pelos Novos Movimentos Sociais que surgiram na década de 1970.

Ainda nos depoimentos de dona Leontina e de dona Anésia, observa-se que a construção desse clube se deu com muito sacrifício “[...] *então conseguimos fazer com todo sacrifício e muita labuta, e pra trabalhar, eles trabalhavam, saíam do serviço às duas horas e a gente de casa mandava lanche, uma comida[...]*”.

Segundo o Livro de Ata, no dia 15 de novembro de 1948, foram realizadas as solenidades da pedra fundamental da construção da entidade.

[...] o Exmo. Sr. Prefeito Prof. Luiz Augusto de Oliveira, DD. Prefeito Municipal, que em palavras brilhantes e cheias de entusiasmo enalteceu a raça preta são-carlense e prometeu que dentro de suas possibilidades como governador de nossa São Carlos tudo irá fazer para que não fique só no lançamento da primeira pedra, mas sim, que dentro em breve torne realidade o término do projeto de construção da sede própria do Grémio Recreativo e Familiar Flor de Maio [...] ⁶.

O terreno foi doado, por lei, pela Câmara Municipal de São Carlos. A construção dessa sede exigiu muitos sacrifícios, pois o clube sempre teve dificuldades financeiras por causa da falta de pontualidade nas mensalidades de muitos de seus sócios. Entre 1948 e 1952, nas assembleias, repetem-se apelos para que se concretize o ideal de uma sede própria. Pelos registros presentes nas atas não foi possível determinar a data exata de inauguração da

⁶ Ver Livro de Ata, 15 de novembro de 1948, p. 27.

nova sede: apenas pôde-se verificar que só a partir de 9 de março de 1953 começou a aparecer naquelas atas o endereço atual da entidade. Transcorreram-se aproximadamente quatro anos entre o ideal e a sua concretização. Esse fato demonstra quanto sacrifício e trabalho tiveram seus membros.

Em 1949, o clube lançaria o primeiro concurso na cidade para a eleição da primeira rainha negra de São Carlos. Um fato interessante é que a coroação foi feita pela rainha do São Carlos Clube. Do ponto de vista simbólico, tal fato pode atestar o que Fernandes (1978) narra a respeito dos primeiros movimentos do meio negro, ou seja, a necessidade desses movimentos de buscar a valorização do negro comparando-o com o branco.

Quanto ao nome do clube, nem mesmo dona Leontina e dona Anésia sabiam informar com precisão o porquê do nome Flor de Maio, mas ambas acreditam que esse nome se deu em função de o clube ter sido fundado em maio. Segundo Clóvis Moura (1998, p. 149), o nome flor deveu-se ao fato de “...somente aqueles negros que fossem flores poderiam neles ingressar.” Somente pessoas de bom caráter, trabalhadoras e que tivessem um comportamento exemplar poderiam ser sócias. De alguma forma pertenciam ao clube aqueles que se caracterizariam como uma elite negra da cidade.

O movimento de fundação do clube assemelha-se aos movimentos negros do início da década de 1920 descritos por Florestan Fernandes. Tais movimentos tinham como objetivo ressocializar⁷ o negro e tentar eliminar a sua imagem associada à vadiagem e à malandragem. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio também se organizou dessa forma – nos seus bailes havia muito disciplina e só participavam pessoas que estivessem vestidas de acordo com a ocasião: “[...] era o lugar mais respeitado que tinha, era ali mesmo, outras sociedades de brancos que tinha aí, quando acontecia de ir lá via a disciplina como é que era, não tinha aquelas coisas, a maldade, aproveitar...eu era diretora

⁷ Para Fernandes (1978), o negro não estava preparado para se integrar na sociedade pós-abolição. A herança sócio-cultural da senzala associada à pauperização do seu meio social geravam anomia no seio dessa população. Suas noções de trabalho ainda estavam fortemente marcadas pela experiência da escravidão. Com isso, ele tinha dificuldades em se adaptar em qualquer tipo de trabalho e aceitar qualquer tipo de disciplina ou controle. Além disso, o trabalho passa a ser realizado esporadicamente, apenas para garantir o sustento por um determinado tempo. O negro também possuía dificuldades em ter uma família estável, fator que também acarretará problemas em sua adaptação na sociedade pós-abolição. Nesse sentido, os primeiros movimentos sociais que surgem no meio negro têm o objetivo de ressocializar o negro, ou seja, adequá-lo aos requisitos psicossociais necessários ao trabalho livre e romper com o ciclo vicioso entre pauperização e herança sócio-cultural da senzala.

das mulheres, precisava a gente olhar até como as mulheres sentavam...em ordem, de qualquer jeito não entrava lá, tinha que tá em cima da pinta, quem não tinha meio não ia,..., poderia ir mas não podia tomar parte, negócio de tênis sujo, nada disso, tudo ali em ordem [...]”⁸.

Ao analisar o primeiro estatuto do Clube, aprovado em 4 de maio de 1932, observa-se que o clube foi montado em função da população negra da cidade. Veja o que se diz sobre a composição do clube: “[...] é composto de pessoas de cor, sem número limitado, não havendo distinção de sexo ou posição social”. Segundo o depoimento das duas fundadoras (dona Leontina Lopes e dona Anésia Cunha), os brancos podiam participar, mas raramente participavam. Naquela época, embora houvesse alguma interação no carnaval, cada um participava em sua sociedade, como deixa claro o mesmo depoimento: “[...] cada um fazendo a sua sociedade, vinham visitar no tempo do carnaval, até o São Carlos Clube ia, com a turma deles, a turma nossa ia lá [...]”. O mesmo ocorria com os italianos, que freqüentavam o Ítalo, mas compareciam no Grêmio apenas por ocasião do carnaval.

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio constitui-se, na cidade, como um clube de negros. Nesse sentido, foi de suma importância o seu aparecimento e desenvolvimento. Sua origem e construção já fornecia uma referência positiva à população negra da cidade quanto à sua capacidade de organização e, além disso, propiciou terreno para a criação de uma identidade negra na cidade. Silva (1983), ao analisar o *black soul*, coloca a importância que possuíam essas reuniões festivas para a formação de uma identidade. Talvez essa análise possa ser elucidativa no caso do Flor de Maio:

No meu entender, o fato dessas pessoas serem negras em sua maioria, e estarem reunidas em um mesmo lugar, ainda que por algumas horas, pode ter um sentido de resistência, e um significado importante para conscientização do negro.... Existe sim um vínculo muito forte unindo essas pessoas, existe uma identidade que, se foi descaracterizada como racial ao longo da história, permaneceu pelo fator cor que é indissfarçável. Se pessoas negras se reúnem no mesmo local com uma certa constância, é de se entender que estão buscando uma identificação entre si por algum motivo, e acabam dando a esses encontros um caráter de resistência ainda que inconsciente, contra uma situação de exploração que é comum

⁸ Depoimento concedido por dona Leontina Lopes e por dona Anésia Cunha, colhido em março de 1997 por mim e Silvana Donatoni.

a todas. Neste momento cada indivíduo reconhece no outro um seu igual, (todos são negros e estão procurando a mesma coisa) e esta situação de estar junto tem para o negro um conteúdo muito grande que vai além do fato de dançar.” (SILVA, 1983, pág.255).

Quanto aos objetivos, estes resumiam-se estatutariamente em:

[...] procurar o engrandecimento da raça negra no Brasil, promovendo e iniciando sua educação moral, social e intelectual; ter na sede com salão de leitura, bibliotheca publica ou privada, facultativa a visitantes e pessoas estranhas ao quadro de associados; manter café, reunião de sócios e convidados, bem como organizar divertimentos lícitos, assignar jornaes e revistas, comemorar os dias de festas nacionaes nomeadamente 13 de maio, 28 de Setembro, 15 de novembro; crear um curso escolar nocturno ou diurno se assim for possível para instrucções dos sócios e seus filhos menores até a idade de 12 annos, e podendo continuar desta idade em diante, porém sendo socios, e finalmente creando fundo de beneficencia, auxiliando os seus associados em caso de doencas, processos que não sejam legaes, enterramentos o outros beneficios que a ocasião determinar.⁹

Observa-se que, conforme os objetivos, existia uma nítida preocupação com atividades sócio-educativas, tendo em vista a busca de uma ressocialização do negro que o levasse efetivamente a se integrar à sociedade. As propostas do Clube Flor de Maio eram bem similares às da Frente Negra Brasileira¹⁰, que buscavam:

união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude de sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira.” (Transcrições do Estatuto da Frente Negra Brasileira, apud FERNANDES, 1978)

⁹ Estatutos do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, aprovado em Assembléia geral extraordinária, em 04 de maio de 1932, p. 3

¹⁰ Movimento surgido na década de 1930, cujo objetivo consistia em lutar por uma efetiva integração do negro na sociedade pós-abolição. Para maiores detalhes ver Fernandes (1978, p.45-47).

Para Fernandes (1978), os primeiros movimentos sociais do meio negro tinham extrema preocupação com a educação dessa população, pois seria através dela que o negro superaria a situação em que se encontrava. A preocupação com a educação levou o Clube Flor de Maio a criar uma escola de ensino primário.

Em ata de 20 de julho de 1934, o presidente da Assembléia afirmava que as aulas no Flor de Maio começariam no dia 1º de outubro do mesmo ano. Em uma ata de 24 de janeiro de 1936, foi lido um ofício da prefeitura participando que havia nomeado um professor para o curso noturno, cujas aulas se reiniciariam após o término das férias. Nas atas foram encontradas poucas alusões à escola, por isso não foi possível saber com precisão a data do seu início e do seu fim, e muito menos o porquê desse término.

Clubes fundados entre o início e meados deste século, que hoje são apenas sociedades dançantes a exemplo do Flor de Maio, em São Carlos-SP, ou do José do Patrocínio e Luiz da Gama, respectivamente em Rio Claro e Jundiaí-SP, eram organizações que tinham um projeto de melhoria de vida e de oportunidades para as populações negras. Prova deste esforço estava no fato de que estas entidades procuravam formar escolas de ensino primário ou profissionalizante, organizar grupos de teatros e bibliotecas [...]. (CUNHA JÚNIOR, 1992. p. 71)

Em entrevista realizada com dona Leontina Lopes e com dona Anésia Cunha, perguntamos¹¹ sobre outras atividades do clube, além dos tradicionais bailes, e, segundo as duas, houve uma época em que existiu uma escola que ensinava a ler e a escrever. Essa escola não era exclusivamente dedicada aos negros: “[...] mas teve uns tempos que até a professora dava aulas aí numa sala, [...] não pra raça negra, pra todas crianças, aquelas crianças misturadas [...]”.

Segundo o depoimento de uma ex-professora, dona Gabriela Zanollo, a escola começou a funcionar em 1937, ano em que essa professora foi nomeada para a escola. A prefeitura cedia a professora e o Flor de Maio cedia uma sala, fazendo também a sua manutenção. Essa professora lecionou na escola por oito anos e não sabe com precisão até quando a escola funcionou e nem porque teve suas atividades encerradas. A escola do Flor de Maio: “[...] foi uma escola muito boa, eu gostei demais, a gente boa, eles varriam aquela

¹¹ Eu e Silvana Donatoni.

Márcio Mucedula Aguiar

*sala, deixavam tudo na perfeição,..tratavam de tudo. Foi muito bom....eram uns 38, mais ou menos,...era uma de manhã e uma à tarde..o Flor de Maio que dava a sala para nós, de graça. A prefeitura não pagava, eles davam de graça e punham as professoras lá. Então a gente arrebanhava todas aquelas crianças da redondeza e nós ensinávamos.*¹²

Segundo dona Gabriela, os alunos eram quase todos de origem humilde, havendo, porém, pessoas que “podiam”.

A escola desenvolvida pelo Flor de Maio não se voltava somente para a comunidade negra, mas para todas as pessoas, independentemente de serem ou não negras. Essa concepção desenvolvida por esse clube foi de extrema importância na medida em que tentava solucionar um problema que era geral e não somente específico da comunidade negra. É só através da busca de demandas gerais que um movimento será capaz de aglutinar vários grupos sociais ao seu redor e, com isso, tornará mais fácil a resolução dos seus problemas. Apesar de as duas fundadoras não se lembrarem de outras atividades, em julho de 1973 o clube promoveria um ciclo de conferências sobre a situação do negro na sociedade brasileira. Três temas foram propostos: 1) transição de escravo a cidadão; 2) marginalização do negro no mercado de trabalho; e 3) a situação da mulher negra. Logo após a apresentação dos temas, havia um debate entre os participantes.¹³

Quanto aos divertimentos, o documento ressalta que “devem ser lícitos”. Nota-se aqui uma preocupação com o comportamento de seus associados, o que demonstra claramente a preocupação do clube quanto à imagem dos seus associados. Esse fato fica bastante claro no artigo 12:

*Os sócios que faltarem ao devido respeito na sede, que desobedecerem, que promoverem desordem, anarchia nas reuniões e sessões, nas assembléias ou que se portarem escandalosamente fora do grêmio, merecendo censuras publicas, que forem presos ou processados por crimes infames, serão eliminados nos termos de estar sujeitos à eliminação e ao que respeito pre-dispõe estes estatutos.*¹⁴

¹² Depoimento prestado por dona Gabriela Zanollo em junho de 1997.

¹³ *A Folha* - São Carlos, 11 de julho de 1973, p. 10

¹⁴ Estatutos do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, aprovado em Assembléia Geral Extraordinária, em 4 de maio de 1932, p. 6 (grifos meus).

Interessante também notar a importância que as datas oficiais, como o 13 de maio e o 28 de setembro, representavam para os negros daquela época. Existia também uma preocupação assistencial porque, passados pouco mais de 40 anos após a abolição, fica claro que o negro sentia-se “desprotegido” com relação às instituições da sociedade pós-abolição.

De acordo com o estatuto, a estrutura organizativa do Grêmio estaria composta por uma diretoria formada pelo presidente e vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro, um procurador, um fiscal geral e um mestre de sala. Essa diretoria era eleita a partir de um conselho formado pelos sócios com suas obrigações em dia. Além dessa estrutura, havia uma comissão de sindicância, formada por três membros, que tinha como função o estudo de propostas para o ingresso de novos sócios. Para ser admitido como sócio, era necessária a indicação de outros sócios. Havia também um fiscal de sala que era o responsável pela manutenção da disciplina no salão.

A diretoria da entidade só poderia ser ocupada por pessoas que não fossem analfabetas. Esse preceito estava disposto no artigo 46°. O segundo estatuto, cujo conteúdo é o mesmo do anterior, foi homologado em cartório em 15 de abril de 1952. Esse estatuto só foi modificado em dezembro de 1974 e, ao que parece, pelas informações obtidas, permanece o mesmo desde essa data. Diferentemente do estatuto anterior, no primeiro artigo não se fala mais que o clube é composto por pessoas de cor, mas apenas que : “[...] é composto de sócios sem número limitado, não havendo distinção de sexo, raça ou credo político.”¹⁵ Modificam-se também os objetivos, que não mais são ligados especificamente à comunidade negra, como se pode observar nos itens abaixo do mesmo estatuto, e que consistem em:

A - Incentivar entre os associados a cultura intelectual, física e artística;

B - Propiciar aos associados e suas famílias, festas, reuniões, excursões, conferências e jogos recreativos;

C - Manter uma biblioteca destinada aos associados, para consultas, podendo frequentá-la visitantes autorizados pela diretoria.

¹⁵ Estatuto do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio - São Carlos: Registro de Títulos e Documentos da Comarca de São Carlos, 1974.

No capítulo II deste estatuto, havia a classificação dos tipos de sócios que pertenciam ao clube. Existiam quatro categorias de sócios: fundadores, contribuintes, beneméritos e honorários. As duas últimas continuaram, em conformidade com o estatuto de 1932, no qual essas categorias já existiam. Os chamados contribuintes correspondiam ao antigo sócio efetivo que havia no outro estatuto. No antigo estatuto, também havia a categoria de sócio correspondente, que eram pessoas que residiam fora, mas que prestavam ou tinham prestado serviços ao clube.

No novo estatuto, a Assembléia Geral passou a ter o poder soberano. Em seguida, em ordem decrescente de poder, vem: o conselho deliberativo, que funciona como órgão legislativo; a diretoria, como órgão executivo; e o conselho fiscal, que funciona como órgão fiscalizador. O mandato da diretoria, como o do conselho deliberativo e o do conselho fiscal, tem a duração de dois anos. Nenhum dos cargos ocupados era remunerado, conforme estabelece o Artigo 9º do estatuto.

O Conselho Deliberativo é formado por 20 membros escolhidos através do voto direto entre os associados. Desse conselho são eleitos o presidente e o 1º secretário, sendo os outros cargos da diretoria preenchidos por pessoas escolhidas pelo presidente. Segundo o artigo 5 do estatuto a entidade é neutra em relação a questões de política e religião, não admitindo em seu seio polêmicas sobre tais assuntos. Apesar desse artigo, o grêmio possuiu um papel importante em casos de discriminação, como o que ocorreu em 1995, quando uma menina foi impedida de freqüentar a escola por ser negra. Uma passeata de protesto contra a discriminação sofrida pela garota partiu da frente do Flor de Maio.

Tais mudanças nos estatutos refletem um conjunto de mudanças por que passam os movimentos sociais na década de 1980. Para Santos (1999, p. 256), a busca de formas de opressão que transcendam o econômico (esfera da produção) levam ao surgimento dos novos movimentos sociais. Vários movimentos destacam-se, como o ecológico, o feminista, o movimento dos sem-terras, dentre outros.

O caso do movimento feminista é emblemático nesse sentido. Não basta apenas a igualdade econômica, é preciso construir uma nova cultura política que reestruture as relações de gênero. É nesse sentido que se alarga a concepção de política. A igualdade passa pela construção de um novo conceito de

masculinidade e de feminilidade que não transforme o gênero em fonte de desigualdade. No caso das mulheres negras, acrescenta-se a questão étnico-racial que se combina com a desigualdade de gênero.

Ao analisar o novo estatuto, fica clara a crítica da política pensada apenas como aspecto político-partidário. O envolvimento do Clube na luta contra a discriminação sofrida pela estudante mostra claramente uma noção ampla de política.

Na década de 1970, o surgimento do Movimento Unificado traduz essas mudanças que também se refletiram no Grêmio Recreativo Flor de Maio. Guimarães (2002) observa que nos últimos quinze anos surgiu uma série de entidades negras de diferentes matrizes ideológicas, políticas e culturais. Mas em todas existe forte preocupação com o combate do racismo. Muitas delas não têm a questão política como central, mas acabam colocando na cena brasileira um nova agenda que alia política de reconhecimento (de diferenças raciais e culturais), busca da identidade (racialismo¹⁶ e voto étnico), política de Cidadania (combate à discriminação racial e afirmação dos direitos civis dos negros) e política redistributiva (ações afirmativas ou compensatórias). (GUIMARÃES, 2002, p.105).

A primeira geração que fundou o Grêmio Recreativo Flor de Maio estava preocupada com a integração social. Não havia, inclusive, a preocupação da busca de um padrão identitário de afirmação étnica. Os filhos e netos dessa geração, que cresceram participando das atividades da entidade, tiveram um referencial fundamental que possibilitou a percepção da necessidade de construção de uma identidade de afirmação e respeito à diversidade étnico-racial. Os novos militantes percebem a relação intrínseca entre raça e classe social. Ou seja, a desigualdade econômica combina-se com a questão étnico-racial.

O Grêmio Recreativo Flor de Maio acabou tornando-se uma referência dentro da cidade. Quando se fala em Flor de Maio, na cidade de São Carlos, as pessoas o associam a um clube ligado à comunidade negra. As outras duas entidades negras da cidade, o Centro de Cultura Afro-brasileira Congada e o

¹⁶ Segundo Guimarães (1999), racialismo é uma doutrina taxonômica de classificação dos grupos humanos baseada em critérios naturais ou biológicos. Tal doutrina justifica as desigualdades econômicas e sociais entre os grupos humanos (no caso brasileiro, brancos e negros) devido as diferenças “raciais”. A tais marcas físicas são associadas características “essenciais”. Por exemplo, dizer que o negro é naturalmente apto às atividades físicas em detrimento às intelectuais. Para um aprofundamento ver: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999, p.28-29.

Centro Cultural Negro Municipal possuem entre seus dirigentes descendentes de antigos diretores e fundadores do Clube. Alguns desses novos militantes, que desde pequenos freqüentavam o Flor de Maio, ressaltam a importância desse clube em suas vidas, o que leva a constatar como ele foi fundamental na criação de terreno para a formação de certa identidade negra entre eles.

Outros clubes no interior de São Paulo também tiveram importância na vida das famílias negras. Barbosa (1978), em sua dissertação de mestrado, procurava verificar se no processo de socialização dos filhos as famílias negras possuíam mecanismos socializadores e especiais que preparassem a criança negra para um mundo onde seria discriminada. Para executar tal pesquisa, escolheu um grupo de famílias que compunha o Clube Cultural e Recreativo de Campinas.

As pessoas que freqüentavam esse clube de Campinas seriam as que forneceriam dados relativos aos mecanismos de socialização da família. Os negros que eram sócios desse clube eram considerados negros de elite. Segundo a autora, na formação histórica de Campinas encontravam-se tradições ligadas ao passado escravista, fato que se refletiu por muito tempo nas relações entre brancos e negros na cidade. Esse reflexo era percebido pelo maior ou menor número de manifestações organizadas por negros. Dessas manifestações surgiram várias associações recreativas que, segundo a autora, assumiram importância especial na vida dos negros de Campinas, uma vez que freqüentar clubes de brancos na cidade era quase impossível. Esse tipo de análise pode ser aplicada no caso do Flor de Maio. Segundo Barbosa, o clube propiciava às famílias que o compunham um tipo de sociabilidade importante: “A sociabilidade propiciada pelo clube desempenha um papel muito importante na vida das famílias que podem freqüentá-lo e desfrutar um tipo de convivência com pessoas que têm os mesmos problemas.” (BARBOSA, 1978, p. 4).

Esse tipo de sociabilidade vai criando o ambiente possível para a discussão dos problemas que afetam os negros e, além disso, pode ser que o clube crie laços de solidariedade entre as pessoas. Para Barbosa, o baile tem também importância fundamental, porque é o único momento em que, entre iguais, não são discriminados. Na análise dessa autora, o clube assume importância fundamental na vida das famílias que o freqüentavam:

O clube, como uma entidade recreativa, reúne as famílias negras em um ambiente onde são fornecidas muitos mode-

los adultos, onde as crianças pequenas entram em contato com outras crianças sem que haja necessidade da superproteção familiar, pois estão entre iguais. É o mundo de negros, onde os poucos momentos de reunião podem ser desfrutados naturalmente, sem vigilância contínua. Os passeios e jogos promovidos pelo clube ampliam o horizonte desse mundo de negros, colocando-se em contato com outros mundos de negros, ultrapassando os muros do clube, dando oportunidade aos jovens de participarem de atividades semelhantes às dos brancos de classe média.” (BARBOSA, 1978, p. 70).

Em sua dissertação, Barbosa concluiu que não há coerência entre as famílias de “elite cultural” negras sobre como preparar as crianças para as relações “raciais” que irão enfrentar. Apesar disso, a nova família de hoje, distinta das gerações passadas, possui maiores recursos culturais para isso, graças aos caminhos abertos pelas gerações anteriores. Para Barbosa, esse fato irá se refletir no processo de socialização, já que os novos chefes de famílias têm um distanciamento maior das atitudes acomodadoras tão enraizadas nas famílias negras. Com isso, esses chefes estão conseguindo mudar a feição da família negra, pois dispõem de recursos para preparar as crianças para se assumirem enquanto negros que devem viver num mundo onde serão discriminados. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio pode ser analisado da mesma forma. As famílias que compuseram o clube no início e o fundaram eram, em sua maioria, de ferroviários que garantiam aos seus filhos patamares de sobrevivência. Dessa forma, se comparadas com a maioria de outras famílias negras, poderiam ser consideradas como componentes de uma elite negra da cidade. Muitos de seus filhos cresceram freqüentando o clube e muitos desses irão compor o Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada e o Centro Cultural Negro Municipal. Portanto, o Clube teve uma função de grande importância para formação e desenvolvimento do movimento negro na cidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula. *As Organizações Negras em São Carlos: Política e Identidade Cultural*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.

BARBOSA, Irene Maria Ferreira. *Socialização e relações raciais: um estudo de famílias negras em Campinas*. Dissertação de Mestrado, USP, 1978.

Márcio Mucedula Aguiar

CUNHA JR., Henrique. *Textos para o movimento negro*. São Paulo: Edicon, 1992.

FERNADES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978. Vol. 1 e 2.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil. 138-1997. In: HUNTLEY, Lynn Walker; GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.138-197.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. "Black Soul": Aglutinação espontânea ou identidade étnica – uma contribuição ao estudo das manifestações culturais no meio negro. In.: *Ciências Sociais Hoje*, n° 2, ANPOCS, 1983.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.